

De Borges, com humor

Fabian Piñeyro
Faculdade Pio Décimo

No primeiro parágrafo de *Arte de Injuriar*, Borges afirma que em momento algum imaginou que os escritores que exerciam a vituperação e a burla, como Quevedo ou Voltaire, se desvelariam ao planejar seus ataques, devido a que todo tropeço do burlador para o burlado é uma arma. Estes homens de inteligência prodigiosa perderiam então o sono na busca da burla perfeita, irrefutável. Entretanto, diz a seguir, logo após uma breve revisão de uma série de ofensas, tanto ilustres quanto comuns, a crença numa arte da injúria de envergadura magistral lhe parece difícil de sustentar. Isso porque toda ofensa, toda burla, diz o argentino, acaba enquadrando-se numa convenção cujas regras também regem a injúria do homem da rua. O burlador procederá sim com especial desvelo, mas com desvelo de jogador de baralho. Em ocasiões, inclusive – supomos nós que nas suas manifestações mais pedestres –, a arte da injúria sequer precisará de palavras; gestos bastarão, como exhibir a língua ou o “*pito catalán*” (BORGES, 1986, p. 419).¹

Em poucas linhas, as primeiras de um texto que tratará sobre a burla, Borges eleva o objeto de seu ensaio ao cume da cultura ocidental, da mão de dois dos mais conspícuos representantes da era da razão, para imediatamente degradar esse mesmo objeto ao trazer à tona suas manifestações mais corriqueiras. Aquilo que a primeira vista lhe parece uma tarefa exclusiva para mentes privilegiadas se torna atributo de multidões, quase um modo de reagir próprio da espécie.

Contudo, e apesar do desfavorável veredito introdutório, *Arte de injuriar* elenca depois exemplos “inteligentes” e originais em inevitável contraste com algumas formas populares. Este artigo contém uma classificação dos modos de burlar que Borges expõe em *Arte de injuriar*, e alguns exemplos destas armas do desprezo que o mesmo Borges carrega quando se exercita como polemista em campos como os da estética, do cinema e da religião. Poderemos ver, desta maneira, que Borges subscreve uma linha de humor a par de original, inédita ou inteligente, também venenosa.

1. Para fazer *pito catalán* a alguém se deve colocar o polegar na ponta do próprio nariz e sacudir os outros quatro dedos olhando para o alvo da burla.

As diversas formas de injuriar

Depois da sua introdução sepulcral sobre a arte da burla, Borges expõe uma série de modos de escarnecer. Evocar o título de doutor no momento em que se elogia a obra de um escritor venerado, por exemplo, é uma delas. Essa menção é capaz de fazer de um semideus, um simples cavaleiro, atrelado à “central e incurável futilidade de todo ser humano” (BORGES, 1986, p. 420).² Outro recurso muito comum consiste em usar palavras cujo sentido preponderante pertence a campos menos prestigiados do que o campo no qual se realiza o produto qualificado. Os exemplos são “cometer um soneto”, “emitir artigos”, “despachar um livro”, ações essas que sujam a arte literária com incômodas alusões aos campos do direito penal ou da administração. Uma terceira convenção é a inversão incondicional dos termos em que o médico é acusado de matar e o escrivão de roubar. “Uma variedade dessa tradição”, diz Borges, “é o dito inocente: O célebre catre de campanha debaixo do qual o general ganhou a batalha” (BORGES, 1986, p. 20).³

Outras formas de injuriar acontecem quando se defende uma causa exagerando suas consignas até elas se tornarem insustentáveis ou quando se é falsamente caridoso com as desvantagens do oponente, formas estas tão diversas que resultam, de acordo com Borges, de difícil agrupação numa visão de conjunto; afinal de contas, o escárnio é um jogo que permite o “contrabando obstinado de argumentos necessariamente confusos” (p. 421).

As injúrias perfeitas

De Aristóteles até aos humanistas, primou entre os mais destacados intelectuais da tradição uma concepção de humor – derivada de um ponto de vista aristocrático das relações sociais – que promovia a comicidade engenhosa e que não ferisse o aludido. O humor que fere, popular ou carnavalesco, seria de raiz popular. Encontrasse muito cedo nas festas dionisíacas, quando os participantes se divertiam burlando dos camponeses, valendo-se de uma linguagem solta ao poder dos instintos, ao poder do humor coletivo. Esse humor de bufão, chegará nobilitado até nós, já que da mão de autores canônicos como Aristófanes, Rabelais ou Quevedo (LÓPEZ, 2010).

A opinião de Borges não nega esse ponto de vista e ainda que sem explicitar a divisão proposta por López veremos que ele a admite na prática. Para Borges, a única defesa possível para a arte de injuriar estaria na “tenebrosa raiz da sátira”, nas maldições mágicas da ira, e não em cuidadosos raciocínios. A injúria seria “a relíquia de um inverossímil estado, em que as lesões feitas ao nome caem sobre o possuidor” (BORGES, 1974, p. 422).⁴ A sátira, além do mais, seria tão convencional quanto um diálogo entre

2. “...la central e incurable futilidad de todo ser humano”.

3. “El festejado catre de campaña debajo del cual el general ganó la batalla”.

4. “...la reliquia de un inverosímil estado en que las lesiones hechas al nombre caen sobre el poseedor”.

noivos. “Seu método é a intromissão de sofismas, sua única lei, a simultânea invenção de boas travessuras. Já me esquecia: tem além do mais a obrigação de ser memorável ” (1974, p. 423).⁵

Borges, então, tanto como crítico quanto como teórico, defenderia o tipo de humor popular, ferino, esse cuja raiz ele encontra na sátira, mas nobilitado pela irrefutabilidade, um atributo lógico. Pois, como podemos ver na hierarquização de seu texto e nos seus ensaios críticos, o modo de injuriar que ele assimila é como uma estocada, agudo e certo, para deixar o rival indefeso.

Arte de injuriar termina precisamente com uma série de burlas perfeitas. Abre com o admirado Swift, por ter-se empenhado em demonstrar que as bestas valem mais do que os homens. Fecha com outra narrada pelo não menos admirado De Quincey. Numa discussão, um cavalheiro arroja vinho na cara do oponente. Este último, sem imutar-se, responde: “Isso, senhor, foi uma digressão, espero seu argumento” (BORGES, 1986, p. 423).⁶

Cominar um homem a argumentar sob pena de parecer irracional, do ponto de vista de De Quincey, era lapidar. A injúria, por tanto, pode ter origens pouco nobres, pode ser vista nos bairros e pode até exercer-se com sons guturais ou gestos, mas existem manifestações mais dignas, patinadas pelo modo científico de argumentar, que despertam, sem dúvida, a admiração e o respeito de Borges. Ele, de fato, utilizou essas armas degradáveis em não poucas ocasiões e com não pouca maestria.

O cinema

Na crítica à adaptação cinematográfica de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, realizada por Victor Fleming, em 1941, Borges fala em “pensadores de Hollywood”, ao acusar os responsáveis da adaptação da obra de Stevenson de terem simplificado extremamente a obra. Representaram o Bem através do namoro do Dr. Jekyll com a casta Miss Lana Turner, enquanto que “o Mal (que preocupou David Hume e os heresiarcas de Alexandria) [seria] a coabitação ilegal com Fröken Ingrid Bergman”(1974, p.285).⁷ Que classe de *pensador* seria capaz de tão escandaloso reducionismo, capaz de representar um tema tão vasto e antigo com duas ou três cenas de intimidade proibida? O de Hollywood.

Com os cinemas alemão e russo, Borges é ainda menos paciente. Ataca no primeiro a sua mais conspícua manifestação: o expressionismo. Vê a simbologia lóbrega, a repetição de imagens equivalentes, a obscenidade, as afeições teratológicas e o satanismo como “aclamados e vigentes erros”. Vigente, que pode significar “lei, estilo ou costume em vigor” e aclamado, ou dito por muitos, junto da palavra erro. Erro coletivo, erro de manada no terreno da crítica. Aqueles que sabem, que tem reconhecida

5. “Su método es la intromisión de sofismas, su única ley la simultánea invención de buenas travesuras. Ya me olvidaba: tiene además la obligación de ser memorable”.

6. “Esto, señor, es una digresión, espero su argumento”.

7. “el Mal (que preocupó a David Hume y a los heresiarcas de Alejandría), la cohabitación ilegal con Fröken Ingrid Bergman”.

capacidade de julgar, podem também comportar-se como animais dominados pelo norte dos chefes da manada?

Com os russos não é menos piedoso. Rebaixa a estética russa a um mero posicionamento diante do “regime californiano”, um mero movimento de reação.

O filme *City lights*, de Chaplin, merece ainda pior sorte. Em primeiro lugar, estranha a aparição da palavra “luzes” no nome do filme. Ironia número dois: afirma que se bem o filme obteve o aplauso incondicional de todos nossos críticos, “verdade é que sua imprensa aclamação é antes uma prova de nossos irreprocháveis serviços telegráficos e postais, do que um ato pessoal, presuntuoso” (1974, p. 222).⁸ Mais uma vez, o efeito manada, agora facilitado pelas novas tecnologias. Afinal de contas, fecha Borges, quem ignora que Chaplin “é um dos deuses mais seguros da mitologia do nosso tempo” (1974, p. 222).⁹

Os pensadores de Hollywood são simplórios, o expressionismo alemão, o cinema russo e os críticos admiradores de ambas escolas são amiúde vítimas do efeito manada. Tudo isso contrasta com a opinião pessoal, aquela que nos permitiria presumir.

O inferno

O artigo “A Duração do Inferno”, publicado em *Discussão*, em 1932, aborda a história da superação desse mito nas altas esferas da cultura. Observa, em princípio, hoje, uma “lassidão geral na propaganda desse estabelecimento” (1974, p. 235). E usa a palavra estabelecimento, comum no campo da guerra, mais principalmente do comércio, para rebaixar de um golpe aquela outrora onipotente imagem que aterrorizara gerações.

Como exemplo do auge da ideia cita Tertuliano que, no século II, expressa seu júbilo porque no Dia do Juízo Final verá na fogueira os magistrados que perseguiram o nome do Senhor. Já Dante, no final da Idade Média, ignora um entusiasmo igual a esse. O uso da palavra entusiasmo para descrever a causa de uma projeção tão vingativamente cruel quando a de Tertuliano é de um sarcasmo demolidor.

Depois, ainda, em três passos velozes, passando por Quevedo e Baudelaire, Borges descreverá o definhar dessa ideia “cara a propaganda católica”. Baudelaire, por exemplo, está tão certo da inexistência do inferno que simula adorá-lo.

8. “verdad es que su impresa aclamación es antes una prueba de nuestros irreprochables servicios telegráficos y postales que un acto personal, presuntuoso”.

9. “es uno de los dioses más seguros de la mitología de nuestro tiempo”.

A filosofia

Estas formas de burlar ou injuriar, diria Borges, são não pouco comuns no campo intelectual. Nietzsche, por exemplo, varre com a tradição filosófica de Ocidente usando uma metáfora que remete a *corpus* sem vida: “Tudo o que os filósofos estiveram manejando há milênios foram múmias conceituais” (1978, p. 45).¹⁰ Converter com uma só estocada o movimento do pensamento filosófico de Ocidente numa combinação de múmias provoca um contraste alarmante. “Matam, recheiam de palha esses conceitos”,¹¹ acusa o filósofo, na tentativa de ferir seriamente uma longa tradição.

Aos trinta e poucos anos, ainda sem o reconhecimento que mais tarde teria, Borges escreve um par de artigos dedicados, entre outras coisas, a rir de Nietzsche. Nas primeiras linhas do artigo *A Doutrina dos Ciclos* encontramos esta afirmação: “Esta doutrina, (que seu mais recente inventor chama de Eterno Retorno) pode formular-se desta maneira...” (p. 385). Borges, escritor reconhecido pela precisão com que utiliza as palavras, conceptista afinal de contas, usa “inventor”, em lugar dos mais adequados “formulador” ou “expositor”, para produzir um choque de significados com o sintagma “mais recente”, que nos diz aos gritos que nada de novo há no eterno retorno. Inventor, em lugar de descobridor ou formulador, para mencionar um fato que não é novo e que, portanto, não pode ser inventado. É Nietzsche um charlatão? O descobridor de um novo ponto de vista ou de uma nova tese pode ser chamado de inventor, mas também, de acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola, pode ser chamada de inventor a “pessoa que discorre sem fundamento”.¹² Outro tanto vale para o uso da palavra “doutrina”, pois a doutrina pode ser também religiosa.

Para dar seu golpe de graça no eterno retorno, Borges usa o matemático Cantor. Pois este demonstra a “perfeita infinitude do número de pontos do universo” (1978, p. 386) e isso seria mortal para o eterno retorno. Nesse momento da enunciação, Borges chama Nietzsche de Zarathustra, talvez seu lado menos rigoroso, mais poético, mais “inventivo”, no bom sentido.

Em *A Postulação da Realidade*, Borges se dedica a rir de Benedetto Croce. O filósofo italiano é bem conhecido nos círculos intelectuais da Argentina dos anos 30, tem pouco mais de sessenta anos; trata-se de um ataque contra uma figura viva e relevante. A primeira piada, entretanto, não vai dirigida a ele. É uma questão entre outros dois filósofos: “Hume notou para sempre que os argumentos de Berkeley não admitem a menor réplica e não produzem a menor convicção” (1978, p. 330).¹³ A corrente de ar ascendente que surge da primeira frase se transforma em lápida e desce como pedra na segunda. Mas o “anátoma” de Hume é apenas um pretexto para Borges descarregar sua ironia sobre Croce. Como quem invoca as musas acrescenta: “Eu desejaria, para eliminar os [argumentos] de Croce, uma sentença não menos educada e mortal” (1978, p. 330).¹⁴ A sentença de Hume é apresentada em forma de paradoxo: irrefutável/inconvincente; a adjetivação de Borges também, educada/mortal. Ou não, pois também

10. “Todo lo que los filósofos han venido manejando desde hace milenios fueron momias conceptuales.”

11. “Matan, rellenan de paja, esos señores idólatras de los conceptos...”

12. “persona que discurre sin fundamento”

13. Hume notó para siempre que los argumentos de Berkeley no admitten la menor réplica ni causan la menor convicción.

14. Yo desearía, para eliminar los [argumentos] de Croce, una sentencia no menos educada y mortal.

podemos pensar que guarda um humor negro feroz, um sarcasmo escuríssimo, já que quem “mata” de maneira educada, digamos, elimina a possibilidade de defesa do ofendido como aconteceria no caso de uma injúria perfeita.

Conclusão

Rebaixar o inferno a estabelecimento, palavra de uso comum no campo semântico do comércio, ou ressaltar o “entusiasmo” vingativo, o “estar em Deus” vingativo, são argumentos terminais. Deixam entrever que uma instituição religiosa também é um negócio e que essa religião em particular adora um deus particularmente violento. Chamar de doutrina uma tese filosófica e de inventor ou Zaratustra seu formulador é levar uma das figuras mais importantes da cultura ocidental às raias do charlatanismo. Comparar os críticos cinematográficos com uma manada que aprecia por inércia, como no caso de Chaplin, ou por reação, como no caso dos apreciadores e realizadores do cinema russo ou alemão, são todas formas que não se apresentam como um convite a manter-se nos trilhos normais da discussão civilizada, pois o humor aqui praticado é injurioso e fere. E também porque, como Borges mesmo admite, “os argumentos da burla são necessariamente confusos” (1978, p. 422).¹⁵

Borges, portanto, se coloca claramente na calçada contrária a da tradição iniciada por Aristóteles, que preconizava a inteligência sem o veneno. Conhecedor das variadas possibilidades de significação de uma palavra, na diacronia e na sincronia, discípulo de Quevedo, podemos ver que, como crítico, assim como também como ficcionista, cultuava um humor corrosivo e degradante à máxima potência, aquela da qual o burlador espera o aniquilamento do oponente mais do que a solução dialógica de um problema.

15. Los argumentos de la burla son necesariamente confusos.

Referências Bibliográficas

BORGES. Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. *El crepúsculo de los ídolos*. Madrid: Bruguera, 1982.

RONCERO LÓPES, V. *De bufones y pícaros: La risa en la novela picaresca*. Madrid iberoamericana, 2010.